

A cibercultura na sociedade atual parece demandar aulas diferentes daquelas tradicionalmente organizadas para espaços não convencionais, sem perder o foco principal, que está na formação de um sujeito crítico e adaptado aos desafios que vai enfrentar durante sua caminhada acadêmica e profissional.

Elisabete Cerutti
Marcia Dalla Nora

Reflexões sobre a cibercultura no ensino superior: um olhar sobre os cursos de licenciatura

Reflections on cyberculture in higher education: a look at undergraduate courses

ELISABETE CERUTTI*

MARCIA DALLA NORA**

Resumo

O presente ensaio apresenta reflexões acerca da pesquisa sobre a cibercultura e as tecnologias no âmbito acadêmico. Como objetivo, busca refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem através de recursos tecnológicos nos cursos de licenciatura e como os discentes desse curso percebem sua preparação para a futura docência com o uso dos artefatos digitais. A metodologia utilizada foi a qualitativa, com revisão bibliográfica e análise de dados a partir do questionário aplicado com os discentes dos cinco cursos investigados. Tendo como principais teóricos os autores Cerutti e Giraffa (2015), Kesnki (2003), Pretto e Pinto (2006) e Prensky (2016), que elucidam sobre a utilização das tecnologias no ambiente educacional, o texto apresenta o referencial teórico e a análise de dados. Como conclusão, percebemos que a aprendizagem sobre as tecnologias precisam ser suas vivências na própria Universidade, uma vez que mesmo nativos digitais, os acadêmicos não se percebem fazendo uso das mesmas em seus futuros espaços de docência.

Palavras-chave: Cibercultura. Ensino Superior. Educação e tecnologias.

* Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Professora e Membro do Conselho de Campus e do Conselho Universitário da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, RS - Campus FW, atuando na Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Educação; Email: beticerutti@uri.edu.br

** Doutoranda em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, RS e Mestre em Educação pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões/URI, RS. Professora e consultora da URI, RS. Email: marcia@uri.edu.br

Abstract

This essay presents reflections about research on cyberculture and technologies in the academic field. The objective is to reflect on the teaching-learning process through technological resources in undergraduate courses and how the students of this course perceive their preparation for future teaching with the use of digital artifacts. The methodology used was qualitative with bibliographic review and data analysis from the questionnaire applied with the students of the five courses investigated. The main authors are Cerutti and Giraffa (2015), Kesnki (2003), Preto and Pinto (2006) and Prensky (2001), who elucidate the use of technologies in the educational environment, the text presents the theoretical reference and analysis of data. As a conclusion, we realize that learning about technologies must be their experiences in the University itself, since even digital natives, academics do not perceive making use of them in their future spaces of teaching.

Keywords: Cyberculture. Higher education. Education and Technologies.

Introdução

O presente ensaio aborda a temática da cibercultura na formação do professor, tendo um olhar aos cursos de licenciatura¹. Tem como objetivo promover reflexões sobre a cibercultura e os recursos relacionados aos aspectos tecnológicos e suas possibilidades de inserção no ambiente acadêmico, assim como suas possibilidades educativas no processo de ensino e de aprendizagem.

Partindo dos conceitos cunhados por Prensky (2001), os professores, que são “imigrantes” na era digital, nem sempre se sentem preparados para contemplar as tecnologias com segurança no desenvolvimento do seu trabalho. “Nativos digitais” é o termo utilizado para designar aqueles que nasceram e cresceram na era da tecnologia, e imigrantes, às nascentes anteriores a esse período, que em sua maioria migram já adultos para a era digital.

Este estudo, embasado nas reflexões do Grupo de Pesquisa e Tecnologia - GPET, parte da compreensão de que os sujeitos nascidos na geração digital e que estão cursando licenciaturas são capazes de organizar e planejar suas aulas de forma alinhada e com um comportamento da cibercultura, uma vez que as tecnologias já lhe são familiares. Por outro lado, temos os docentes universitários que, por vezes, necessitam conhecer o contexto que atuam e dispor de novas tecnologias para atrair a atenção de seus alunos em suas aulas e proporcionar a interação e a construção do conhecimento. Baseado numa abordagem qualitativa, o estudo traz o resultado da análise dos questionários aplicados nos cinco cursos, respondidos pelos discentes.

¹ A pesquisa é fruto de uma atividade de Iniciação Científica da URI – Campus de Frederico Westphalen, tendo como foco os Cursos de Letras, Pedagogia, Educação Física, Matemática e Ciências Biológicas, realizada no ano de 2016.

A cibercultura na sociedade atual parece demandar aulas diferentes daquelas tradicionalmente organizadas para espaços não convencionais, sem perder o foco principal, que está na formação de um sujeito crítico e adaptado aos desafios que vai enfrentar durante sua caminhada acadêmica e profissional. Torna-se importante refletir sobre quais são os diferenciais que precisam ser levados em consideração quando se trata de aulas inovadoras e que permitem maior interação do educando diante do seu aprendizado.

Trata-se de um tema de relevância diante do atual contexto e dos desafios da formação didática para as tecnologias. Os estudos na área vêm contribuindo para a verificação da compreensão do sujeito aluno, que por sua vez são concluintes. Neste sentido, buscamos entendimento de como esses futuros professores atuarão com seus alunos, diante das concepções do que seja uma aula apoiada por recursos tecnológicos.

Tecnologia e educação

Este tópico discorre sobre as tecnologias, relacionando-as com a educação e com sua influência no ambiente educacional. Entendemos que a tecnologia está em todos os campos da sociedade e reflete na vida do ser humano, tanto nos aspectos sociais quanto na formação acadêmica e profissional.

Ao abordar as mudanças que ocorrem na sociedade baseadas na ciência e na técnica, Zaleski (2005) evidencia que não é necessário muito esforço para perceber os avanços tecnológicos e suas consequências nos últimos anos. Diante desse contexto de transformações baseadas nas tecnologias, muito tem se escrito, publicado e debatido, inclusive sobre sua presença no espaço educacional.

Tratar sobre cibercultura e o uso de tecnologia no ambiente acadêmico é um tema instigante que vem fazendo parte do cenário na atualidade. Marcovitch (2002) enfatiza que a tecnologia é um instrumento fundamental para o avanço e a disseminação do conhecimento. O autor, ainda, descreve que o surgimento de tecnologias cada vez mais sofisticadas e a revolução digital afetam profundamente a vida acadêmica.

A facilidade de manipulação e a eficiência possibilitada pela técnica da digitalização trazem transformações significativas em diversos setores da vida social, incluindo a cultura, a ciência e a educação. Nesse sentido, o uso da informática tende a ser uma das características principais do período contemporâneo. (PAIS, 2010, p. 13).

Ao tratar sobre tecnologia no ambiente educacional, cabe constatar que sua incorporação se torna fundamental, pois cada vez mais os artefatos tecnológicos estão presentes na vida das pessoas, provocando mudança de comportamento, inclusive nas formas de aprender e nos processos pedagógicos. As mudanças proporcionadas pela tecnologia, em relação à

educação, possibilitam a inovação, a colaboração e a aproximação da escola à realidade do acadêmico em que a tecnologia já está presente.

Complementando acerca do atual momento tecnológico, Kenski (2003) afirma que existe uma ampliação de possibilidades de comunicação e de informação através dos equipamentos como telefone, computador, televisão, que modificam as formas de viver e de aprender. Pretto e Pinto (2006) descrevem que, durante os anos 80, ano da era acadêmica da internet, foi incorporada uma nova forma de aprendizagem, possibilitando por meio dela novas relações com o saber através da colaboração e da socialização. Nesse cenário, a escola passou a conviver com alunos que se articulam e aprendem de forma diferenciada, uma geração denominada geração de processamentos simultâneos. As tecnologias, na atualidade, atuam em dimensões diferentes das antigas e passam a operar com as ideias.

Ao tratar sobre a educação por meio da tecnologia, Okada (2007) salienta que essa propicia uma rede de conhecimentos que é construída por todos. Todos podem contribuir com informações significativas. O professor não mais a única fonte de conhecimento, os avanços tecnológicos proporcionam um cenário diferente, instigante e dinâmico, fazendo os professores refletirem sobre o conceito de aula. Cerutti e Giraffa (2015, p. 7) expõem que “[...] ministrar uma aula não é uma atividade para o protagonismo docente, é uma atividade planejada para a parceria”. As autoras ainda descrevem que é importante refletir sobre a compreensão da mediação do espaço de construção do conhecimento pelas vias digitais como um ato dinâmico, interativo e dialógico, verificando o processo de aprendizagem, em que os sujeitos convivam e colaborem com conhecimento entre si.

A partir da “explosão” da internet, passou-se a poder compartilhar as capacidades cognitivas expandidas juntamente com o poder de expressão, individual e coletivo, reunindo pessoas. A população herdou uma construção do período acadêmico da rede, que foram as práticas de aprendizado relatadas por Lévy (1999 apud PRETTO; PINTO, 2006, p.7) “[...] como fundantes de novas relações sociais com o saber, uma comunidade de aprendizes autônomos, dedicados a percursos personalizados, mas praticantes sistemáticos da colaboração”. A proposta de ensino colaborativo que veio junto com a chegada da internet e das tecnologias digitais de informação e comunicação são propostas que segundo Kenski (2003, p. 9) encaminham os participantes para novos comportamentos, atitudes e conhecimento que:

Buscam o desenvolvimento de competências pessoais e grupais valorizadas socialmente como: participação coletiva, autonomia e interdependência, flexibilidade, o desafio de lidar com pensamentos divergentes, a superação em conjunto de problemas postos, a vivência de diferenciados estilos de coordenação, a avaliação permanente e a análise dos processos e dos procedimentos utilizados individual e coletivamente para alcançar os resultados.

Neste cenário que se apresenta, é fundamental preparar os discentes para o uso crítico das tecnologias, e o papel do docente é de fundamental importância nesse contexto, pois somente a presença dos artefatos tecnológicos não significa qualidade e inovação no processo de ensino e não garante a melhor aprendizagem dos acadêmicos. Cerutti e Giraffa (2015) salientam que ensinar, em tempos de cibercultura, exige reflexão acerca de como entender o aluno e como ser professor diante das mudanças relacionadas à oferta de informação em diferentes espaços não tradicionais.

Almeida e Silva (2011) relatam que as investigações sobre tecnologias na educação se voltaram para o processo de ensino e de aprendizagem que se desenvolvem mediados pelas tecnologias. E descrevem que as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação contribuem para a:

[...] mudança das práticas educativas com a criação de uma nova ambiência em sala de aula e na escola que repercute em todas as instâncias e relações envolvidas nesse processo, entre as quais as mudanças na gestão de tempos e espaços, nas relações entre ensino e aprendizagem, nos materiais de apoio pedagógico, na organização e representação das informações por meio de múltiplas linguagens. (ALMEIDA; SILVA, 2011, p. 3)

Atualmente, os jovens imersos nas tecnologias se comunicam e buscam informações em diferentes espaços não tradicionais. Diante dessa realidade, cabe ao docente ter conhecimento sobre as ferramentas tecnológicas que podem ser utilizadas nas aulas, auxiliando no processo de ensino, na aprendizagem, e orientar seus alunos para o uso crítico, autônomo e criativo das tecnologias no espaço educacional e fora dele também.

Não se tem uma concepção pronta de como educar na cibercultura, mas é preciso repensar os métodos que estão sendo utilizados e os que devem ser inseridos e adaptados nesse contexto. O professor precisa estar ciente e preparado para atuar nessa nova realidade que se descortinou na sociedade. (CERUTTI; GIRAFFA, 2015, p. 16)

Os questionamentos e as dúvidas sobre uso das tecnologias em benefício da aprendizagem são realidades que se fazem presentes na vida acadêmica. Diante das diversas possibilidades que a tecnologia proporciona, para ser usada de forma adequada, é necessário que o professor tenha conhecimento sobre os artefatos tecnológicos e que os domine para que saiba como usá-los de maneira que acrescentem qualitativamente no ambiente educativo. Demo salienta (2009, p. 9) que é crucial

[...] entender que novas tecnologias não supõem aprendizagens mais efetivas automaticamente. Podem facilmente servir para aprender menos ou não aprender. No entanto, guardam enorme potencialidade, se as soubermos vivificar.

O uso das tecnologias, quando bem conduzido, é capaz de promover interação entre docente e discente, trocas de informações e experiências. Uma das principais características da educação envolvendo as tecnologias de informação e comunicação é a descentralização do poder de comunicar em sala de aula devido ao acesso às informações, já que, dessa forma, o aluno adquire maior autonomia. (BIANCHI; HATJE, 2006)

Ao abordar as mudanças proporcionadas pelo uso das tecnologias na educação é possível perceber que o papel do aluno e do professor são diferentes: o professor passa a ser um orientador e não mais um transmissor de conteúdo e de informações. E o aluno, que antes era passivo e apenas deveria decorar o que o professor transmitia, diante das tecnologias, deve ser incentivado a buscar a informação. O uso das tecnologias possibilita a criação de condições que facilitam a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno.

Incorporar a tecnologia ao planejamento e à sala de aula é de suma importância, porém, é necessário sempre buscar o uso adequado para possibilitar a aprendizagem de forma interdisciplinar e contextualizada. Através do uso das tecnologias de informação e comunicação na educação e das mudanças nos papéis de professor e de aluno, cabe ao primeiro estimular o segundo a buscar a informação ao invés de memorizá-la.

A cibercultura no ensino superior

No atual contexto da cibercultura, pode ser complexo afirmar todos os motivos pelos quais as Universidades estão neste grande debate, em meio à formação docente, às dificuldades na aprendizagem e às pesquisas para a construção do conhecimento. Para Demo (2009), pode-se mencionar, por exemplo, a falta de interesse de professores universitários que continuam comparando Educação Básica com a Universidade. São duas modalidades diferentes e que, para eles, se resumem em “dar” e “escutar” aula, sem debates, pesquisas e argumentos, gerando somente a transmissão do conhecimento, sem, por vezes, construí-lo com o educando.

De acordo com Demo (2009), a universidade é aprendizagem e conhecimento, e ambos os desafios são de grande importância e requerem muita pesquisa, sendo esta uma importante ferramenta didática para todas as disciplinas diante da necessidade de ser mais bem usada em sala de aula. Ao planejá-las adequadamente, possibilita uma aprendizagem mais eficaz para os acadêmicos aprenderem os conteúdos do currículo enquanto se tornam estudantes autônomos.

A universidade é um local em que se privilegia antes de tudo a transmissão do saber já consagrado, criadora de novos saberes, além de ser uma instituição investigadora com estímulo à curiosidade, à ousadia e à iniciativa. Inserida em uma realidade histórica, política e social, a universidade deve atuar e intervir nesse contexto. Diante disso, percebe-se que a universidade exige muito mais que a aprendizagem seja dinâmica, reconstrutiva, sendo que a pesquisa é fundamental para formar alunos competentes, capazes de

exercer sua profissão no campo de trabalho.

Dessa forma, ao ingressar na universidade, o aluno se depara com uma nova realidade em relação ao que ele já vivenciou anteriormente em sua vida escolar, tornando-se um agente ativo no seu processo de ensino. Por isso, é preciso despertar, no acadêmico, o interesse pela pesquisa e a participação em projetos, fazendo da Universidade um laboratório de informações.

Diante desse universo em que se dão os saberes constitutivos da aprendizagem no ambiente universitário, é eminente a necessidade de discutir a chegada das tecnologias de informação e de comunicação (TICs) também nesse espaço. Com essa mudança o indivíduo interage com seu meio, produzindo aprendizagem satisfatória, tornando-se assim um ser ativo e participativo. Almeida (2009, p. 29) salienta que:

As tecnologias e o conhecimento integram-se para produzir novos conhecimentos que, por sua vez, facilitam a compreensão das problemáticas atuais e favorecem, sobremaneira, o desenvolvimento de projetos em busca de alternativas inovadoras para a transformação do cotidiano e para a construção da cidadania.

A participação ativa do aluno no processo de aprendizagem é fundamental, construindo atividades em grupos e individuais, propiciando motivação e sentido naquilo que constitui o foco dos estudos. Para que a aprendizagem seja eficaz, diante da autonomia do aluno, é necessário que professores criem grupos de pesquisas, também por meio digital, usando ferramentas virtuais para integrarem-se aos projetos, permitindo um espaço de partilha de recursos, informações comuns e, principalmente, para toda troca de ideias e estímulo ao trabalho cooperativo. Assim, o professor aprende, ao mesmo tempo, em que os estudantes, ocorrendo uma troca de conhecimentos de ambas as partes.

A universidade necessita de três princípios fundamentais para a formação, ensino-pesquisa-extensão, na medida em que os três são de grande importância. Neste sentido, o ensino é ponto de partida para a apreensão do conhecimento. Na pesquisa, o desconhecido é definido partindo dos conhecimentos já existentes e a extensão se traduz pela importância do conhecimento apreendido e ampliado.

Sendo assim, é necessário um profissional competente, que resolva e acompanhe os desafios que a sociedade enfrenta, alicerçando seu trabalho com as (TICs) na sala de aula. Com essa concepção sobre o ensino e aprendizagem, voltada às tecnologias, os alunos envolvem-se com as atividades, mostrando um olhar mais crítico e interessado sobre as aulas.

A pesquisa na formação de professores vem como uma possibilidade de rompimento com um ensino repetitivo e repassador de conhecimento. Para que o espaço da sala de aula se transforme em um campo fértil e produtivo para o conhecimento, e um lugar onde os educandos sintam o desejo de estar, é necessário que o educador mude e transforme sua prática, despertando

a atenção dos alunos. Nessa perspectiva, é preciso que o professor conheça suas limitações sobre as diferentes tecnologias e como usá-las. Isso se faz necessário porque mesmo que esses recursos ainda não estejam fisicamente instalados na sala de aula ou na escola, a mídia audiovisual já invade o espaço escolar.

Considerando os aspectos salientados pelos autores, torna-se um desafio ao professor universitário usar, em suas práticas pedagógicas, os recursos audiovisuais como as imagens, movimentos e sons que atraem e tomam conta das novas gerações, diferenciando dos livros didáticos e da mesma rotina escolar. Ao integrar as novas tecnologias, o professor estará oferecendo um ensino mais dinâmico e atual, transformando o espaço da sala de aula em um lugar de investigação, reflexão, descoberta e construção de novos conhecimentos. Conforme Freire (1996) salienta, o professor ao ensinar, está aprendendo, e quem aprende, ensina ao aprender. Nesse sentido, os alunos aprenderão a construir a própria maneira de ver, argumentar, interpretar e de redigir: isso não significa que o professor vá pesquisar por ele, mas sim orientá-lo, pois o professor que não sabe aprender não conseguirá ensinar.

Análise dos dados da pesquisa

A pesquisa é um convite para olhar a realidade e, através dela, realizar, de alguma maneira, um diálogo com os autores e uma aproximação de análise que vai gerar a aprendizagem que nos propomos enquanto objetivo neste estudo.

Conforme o cronograma estabelecido na pesquisa, o mês de novembro de 2016 foi marcado para a realização da coleta de dados nos cursos de licenciatura da URI – Campus de Frederico Westphalen, com os cursos de Matemática, Letras, Pedagogia, Ciências Biológicas e Educação Física.

Tendo em vista o trabalho do pesquisador que está relacionando com o sujeito, apresentamos dificuldades iniciais que foi de encontrar os sujeitos disponíveis à participação. Num primeiro momento, realizamos o contato com o Coordenador de cada Curso, buscando a autorização do mesmo para que tivéssemos acesso aos sujeitos. Na segunda etapa, fizemos as visitas nas turmas, convidando os sujeitos a participar, deixando claro o Termo Livre de Esclarecimento à pesquisa, sendo que os acadêmicos assinaram o mesmo. Os que apresentaram condições de participarem preencheram o questionário, deixando claro o sigilo da pesquisa dos sujeitos que a responderam.

Dos cinco cursos de licenciatura pesquisados, em quatro deles obtivemos retorno no mês de novembro. Apenas o Curso de Matemática necessitou reorganizar nosso cronograma e reaplicar a pesquisa no mês de março de 2017, tendo em vista o retorno do ano letivo dos acadêmicos.

A pesquisa foi realizada durante o intervalo das aulas, a partir do horário da semana organizado pelo coordenador de cada curso, a fim de não atrapalhar o andamento da aula. Entendemos que um dos fatores que levou os acadêmicos a não apresentarem um número total de respostas foi devido ao horário estipulado, já que que, no intervalo, os mesmos possuem muitas atividades pessoais, como nos mostrará a Tabela 1.

Quando realizamos a pesquisa no curso de Ciências Biológicas, poucos alunos estavam presentes por motivo de estágios. Em função deste motivo, realizamos a pesquisa com os presentes, entregando os questionários a um representante da turma. No dia seguinte, voltamos até o curso para buscar os mesmos e obtivemos mais 4 respostas. Em novembro, aplicamos os questionários nos cursos de Letras, Matemática e de Pedagogia. No curso de Letras, obtivemos melhores resultados. A turma estava reunida e os questionários foram respondidos no momento em que explicamos a importância do uso dessa ferramenta tão relevante para nossa aprendizagem enquanto acadêmicos.

Os questionários também foram aplicados ao curso de Educação Física, ocorrendo a mesma situação dos outros cursos: a parca participação. Os acadêmicos presentes resultaram aspectos positivos, mas os questionários deixados aos que não estavam presentes não foram respondidos, e assim seguiu-se toda a semana, em todos os cursos que recebiam nossas visitas. No Curso de Pedagogia, encontramos poucos acadêmicos em sala, pois estavam, também, em atividades de estágios. Foram aplicados os questionários aos que estavam presentes, e os mesmos responderam ao solicitado, deixando os questionários aos que não se encontravam, os quais não retornaram.

Em relação à aplicação no Curso de Matemática, analisamos que, por se tratar também de temporada de estágio e de avaliações, os questionários foram deixados para a Coordenação. Os mesmos foram aplicados no mês de abril de 2017, sendo destacada a participação e o empenho do coordenador do Curso em apresentar a pesquisa, porém, a turma não participou por questões externas ao nosso estudo.

Quadro 1 - Pesquisa

CURSO	DISCENTE	TOTAL DE	TOTAL DE	TOTAL EM BRANCO
Ciências Biológicas	Discente	14	9	5
Educação Física	Discente	30	9	21
Letras	Discente	14	11	3
Matemática	Discente	12	0	0
Pedagogia	Discente	14	6	8

Fonte: Cerutti (2017)

De posse dos dados obtidos nos cursos de licenciatura em Letras, Educação Física, Pedagogia e de Ciências Biológicas da URI – Campus de Frederico Westphalen, percebemos que, dentre os questionários respondidos, obtivemos entre as respostas aspectos positivos e negativos, tendo em vista

a participação e o interesse dos acadêmicos em participar da pesquisa.

A cada resposta obtida por curso, percebemos que muitos questionários foram respondidos com muitos conhecimentos sobre as tecnologias, que estão cada vez mais atualizadas. O questionário continha 9 (nove) questões sobre as tecnologias usadas em sala de aula e a possibilidade de descrição onde são usadas no ambiente Universitário.

A primeira questão perguntava se o respondente possui experiência escolar como professor mesmo sendo acadêmico. Dos questionários respondidos, 14 disseram que possuem experiência de 1 a 5 anos. Apenas um sujeito respondeu que atua de 5 a 10 anos, nenhum respondeu mais de 10 anos, e 20 responderam que não possuem experiência como professor.

A segunda pergunta questionou sobre o tempo destinado por semana para preparação das aulas em caso de ser professor. O resultado obtido foi: 10 alunos reservam o tempo de 1 a 5 horas, 3 alunos de 5 a 10 horas, 22 alunos não responderam. Quando questionados sobre quais os materiais utilizados para preparar as aulas, o resultado foi o seguinte: 16 alunos responderam que usam textos, livros didáticos e pesquisa na internet, 4 alunos responderam que fazem uso de outros recursos, como planejamentos de estágios e aparelho de som, e 15 sujeitos não responderam a questão.

Outro bloco de questões questionava se o acadêmico faz o uso de tecnologias digitais em seu cotidiano. Obtivemos 34 resultados positivos, a totalidade dos sujeitos, tanto abordando a tecnologia em sala de aula quanto fora dela, destacando os seguintes meios: computador, celular, e-mail, slides, blogs, multimídia, HQ, mapa conceitual, ambiente virtual de aprendizagem, hot potates, vídeo, tablet, rede social e tela interativa.

A articulação das tecnologias e o uso da internet em nosso cotidiano foi uma inovação, oportunizando a atualização de novas possibilidades cognitivas pedagógicas, cativando os alunos para novas aprendizagens, ocorrendo mudanças na aprendizagem de alunos e professores, estimulando a pesquisa, a criatividade, a participação e a comunicação. Essas tecnologias envolvidas trouxeram, também, algumas consequências, como, por exemplo, o uso exagerado das redes sociais, que, por sua vez, acaba prejudicando a vida acadêmica. Muitas vezes a internet é usada inadequadamente, ocasionando a cópia de conhecimento já elaborado, sem gerar a construção própria de aprendizagem.

Um dos grandes desafios dentro das Universidades é ter docentes que saibam transformar informação em formação, fazer com que o aluno pense e se desenvolva, formando assim bons profissionais, que estejam seguros e bem estruturados em sua formação.

Nessa perspectiva, a docência se constitui como uma profissão carregada de paradoxos, com demandas, expectativas e desafios, mas também com esperança e possibilidades, com objetivo principal de construção de uma prática que promova a integração da universidade/sociedade. Lévy (2011) explica que é, através de uma ferramenta tecnológica, que o docente

estimula a inteligência coletiva de seus alunos, pois os procedimentos de comunicação interativa ampliam uma profunda mutação da informação e da relação com o saber.

A sexta questão perguntava se o sujeito julgava importante o uso de tecnologias digitais no cotidiano escolar e se a resposta fosse positiva, em qual situação didática. Quatro alunos responderam que sim sem questionar em qual situação didática, 1 não respondeu a esta questão e 30 acadêmicos responderam que sim, com complemento de seu uso no ambiente escolar para aprender a utilizá-la, introduzir os conteúdos, ajudar a ampliar os conhecimentos nas pesquisas científicas, atrair os alunos a participar das aulas, tornando os conteúdos mais significativos e melhor aproveitados. Houve, ainda, a descrição sobre a utilização de jogos digitais, usando uma temática escolar, melhor apresentação de trabalhos, passar os conteúdos de forma mais dinâmica e proveitosa e ajudar no planejamento e na preparação das aulas.

Quando questionados se a Universidade oportuniza formação em Tecnologias Digitais através das disciplinas, 2 alunos responderam que sim e não complementaram quais os tipos de formação e 3 responderam que a Universidade não oportuniza a formação em Tecnologias Digitais. 30 alunos responderam que sim e complementaram com: computadores, programas diversificados, HQ, vídeos, fórum, *hot potates*, com a disciplina Educação e Tecnologia, cursos, atividades em *softwares*, mapa conceitual, literatura, slides, laboratório de informática, data show, recreação, metodologia científica e jogos virtuais que trabalham o corpo.

A oitava questão solicitava que listassem as aprendizagens relacionadas às tecnologias aprendidas durante a formação acadêmica. Sete alunos não responderam à questão e 28 alunos responderam que aprenderam a usar as tecnologias em sala de aula, para projetar vídeos, jogos do *hot potatoes*, fazer gravações, entrar em *blogs* para disciplina literária, fórum, apresentação em slides, data show, laboratório de informática, utilizar o *Excel*, *Word*, *Xbox*, *Power point*, HQ, mapa conceitual, enviar *e-mails*, e também utilizar as redes sócias, possibilidade de ampliar a pesquisa, contato com o mundo acadêmico, relacionar o meio tecnológico com a realidade em que eles vivem, obtenção de mais conhecimento e experiência, melhora do processo de aprendizado.

Devemos considerar que, para ter bons resultados, os acadêmicos precisam saber interagir, cooperar, pesquisar e desenvolver suas habilidades em grupo ou individualmente. Com essas condições sendo trabalhadas, pode-se oferecer um profissional adequado, com produção de qualidade em seu setor de trabalho, tendo uma trajetória profissional de qualidade, formando cidadãos preparados e competentes para o mundo contemporâneo. Todavia, isso é um grande desafio para quem promove a educação: preparar educandos para exercer a cidadania, para que tenham autonomia e saibam resolver problemas da vida e do trabalho. É uma tarefa que exige muitas experiências e muita pesquisa para saber administrar adequadamente o papel de docente.

Outro aspecto solicitava que descrevesse como seria uma aula com o uso de tecnologias. Um aluno não respondeu à questão, 34 alunos responderam que seria muito mais atrativa, dinâmica, inovadora, agradável, interessante, diferente, criativa, participativa, real, prevalecendo a organização e o planejamento, por estimular o raciocínio lógico, tendo em vista que somos nativos digitais e devemos utilizá-la para que o ensino se concretize de forma mais eficaz. Além disso, os alunos se sentem mais integrados, pois essa é a realidade que vivemos: ajudam na aprendizagem dos alunos, a explicar o conteúdo de maneira que todos entendam. Dessa forma, a aula se torna mais interativa e proporciona interesse no aluno.

Diante das respostas obtidas durante os questionários, percebemos que os estudantes não desejam comparecer à Universidade para escutar aulas copiadas que levam à reproduzir a cópia, mas para construir conhecimentos com os professores. As tecnologias vêm como um suporte para que essa educação seja de melhor qualidade para os acadêmicos, exigindo professores qualificados e com especialização na área da informática.

Conclusão

A pesquisa é um processo educativo em que professores e alunos se graduam de forma permanente, cada vez mais adaptados às mudanças, tornando-se produtores de conhecimentos, adquirindo novos conceitos à sua maneira de ver a realidade ou o tema trabalhado. A pesquisa realizada nos cursos de licenciatura foi um suporte para nosso trabalho, tendo percebido a importância de estarmos ligados nessa ferramenta tão necessária, que hoje faz parte de nosso cotidiano, assim como as futuras gerações dependeram muito desse meio para ter um bom desenvolvimento enquanto profissionais.

Um exemplo está nos estudos do Grupo de Pesquisa em Educação e Tecnologias – GPET, que tem como foco a formação de professores para atuar em Universidades. Seu principal objetivo é a qualidade da formação do discente universitário da prática pedagógica nos âmbitos políticos e educacionais, que envolvem essa prática nesta sociedade subdesenvolvida, com o uso tecnológico e as gerações cada vez mais oriundas dessa tecnologia.

O avanço explosivo das tecnologias permite a ampliação dos processos comunicativos, promovendo um desenvolvimento cultural muito importante para a formação acadêmica, pois os alunos estão cada vez mais interligados a essa nova era digital, cada vez mais aprimorando seu uso tecnológico. Assim, a prática tecnológica deve ter um cunho pedagógico voltado para a realidade destes acadêmicos, assim tornando suas aulas mais atrativas e satisfatórias, permitindo a ampliação dos recursos tecnológicos como da mídia impressa, da linguagem radiofônica e, principalmente, do ambiente virtual, que apresentou um visível crescimento em relação ao acesso e à navegação online, tornando o conhecimento mais próximo dos sujeitos, gerando a rápida assimilação de conteúdo, tornando a aprendizagem mais eficaz, tendo habilidades e

competências que valorizam a linguagem tecnológica.

O enorme uso da internet é de fato uma abordagem significativa, pois o número de usuários dessas redes é muito elevado, devido ao uso diariamente em seu cotidiano, o que faz com que a prática pedagógica tradicional não seja mais atrativa quanto o uso virtual. Sendo assim, a aprendizagem se torna insatisfatória a ponto de não atender as necessidades de cada aluno. Assim, a internet vem como um meio de reverter esta situação, que muitas vezes constrange muitos acadêmicos por ser mal utilizada por docentes que não dominam essa linguagem. O uso adequado desta ferramenta permite um aprendizado mais contextualizado e significativo.

As novas metodologias de ensino, voltadas à linguagem virtual, atendem as demandas dos avanços tecnológicos e nos conduzem para uma maior democratização do conhecimento, tendo a internet como uma fonte de pesquisa e de aprendizagem que permite a interatividade e a aprendizagem em outros espaços que nem sempre são os locais convencionais que as escolas apresentam aos seus alunos.

Assim como retratou a pesquisa, os usuários destacam o quanto as tecnologias são utilizadas no meio social e acadêmico, porém, é necessário avançar e popularizar as ferramentas para que seja ampliada a utilização diante dos professores. Desse modo, os acadêmicos estarão melhor preparados diante dos desafios do futuro, na condição de professores em sala de aula.

Trabalhar com as ferramentas tecnológicas no ambiente educacional é necessário e pode contribuir para a aprendizagem e educação integral do acadêmico. No entanto, a presença por si só de aparatos tecnológicos nas universidades não significa melhora no trabalho docente, e, também, a tecnologia sozinha não faz a diferença. Para que se desenvolva um trabalho que contemple a tecnologia de forma crítica e reflexiva, faz-se necessário que seja desenvolvido esse trabalho na formação dos professores no Ensino Superior.

Referências

ALMEIDA, M. E. B. de; SILVA, M. da G. M. da. Currículo, tecnologia e cultura digital: espaços e tempos de web currículo. *Revista e-curriculum*, São Paulo, v. 7, n. 1, abr. 2011.

ALMEIDA, Fernando José. Paulo Freire. *Folha*. São Paulo. 2009.

BIANCHI, Paula; HATJE, Marli. A formação profissional em educação física e as tecnologias de informação e comunicação: um estudo a partir do CEFD/UFSM. *DocPlayer*, 2006. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/9286740-A-formacao-profissional-em-educacao-fisica-e-as-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-um-estudo-a-partir-do-cefd-ufsm-1.html>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

BIANCHI, P.; PIRES, G. L.; VANZIN, T. As tecnologias de informação e comunicação na rede municipal de ensino de Florianópolis: possibilidades para a educação (física). *Linhas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 56-75, jul./dez 2008.

CERUTTI, E.; GIRAFFA, L. M. M. **Uma nova juventude chegou à universidade: e agora, professor**. Curitiba: CRV, 2015.

DEMO, P. Aprendizagens e novas tecnologias. **Revista brasileira de docência, ensino e pesquisa em Educação Física**, v. 1, n. 1, p. 53-75, ago. 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 25 ed. São Paulo: Paz na Terra, 1996, p. 54.

KENSKI, V. M. Aprendizagem mediada pela tecnologia. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 4, n. 10, p. 47-56, set./dez. 2003.

LEVY, P. **O que é virtual?** São Paulo, 34 ed, p. 160, 2011.

MARCOVITCH, J. A informação e o conhecimento. **São Paulo em perspectiva**, v. 16, n. 4, p. 3-8, out./dez. 2002.

OKADA, A. Novos paradigmas na educação online com a aprendizagem aberta. In: 5th International Conference in Information and Communication Technologies in Education. **Challenges 2007**. Portugal: Centro de Competia da Universidade do Minho, 17-18 maio 2007.

PAIS, L. C. **Educação escolar e as tecnologias da informática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

PRENSKY, M. Digital natives, digital immigrants. **MCB University Press – On the horizon**, v. 9, n. 5, out. 2001. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em: 4 ago. 2016.

PRETTO, N. PINTO, C. C. Tecnologias e novas educações. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 31, jan./abr. 2006.

RIBEIRO, E. N.; MENDONÇA, G. A. A.; MENDONÇA, A. F. A importância dos ambientes virtuais de aprendizagem na busca de novos domínios da EAD. **ABED – Associação Brasileira de Educação à Distância**, 12 abr. 2007. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/4162007104526AM.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2016.

ZALESQUI, D. Tecnologia da informação e educação física: um estudo de caso no centro universitário Feevale. **Governo do Estado do Paraná**, Rio Grande do Sul, jun. 2005. Seção Secretária da Educação. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/monografia/Zalesqui.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2016.